

ESPÉCIE DE BAIRRO VERTICAL COM 1,3 MIL MORADORES, O EDIFÍCIO ARCÂNGELO MALETTA SURTIU SOBRE ANTIGO ÍCONE DA CAPITAL, MAS PROSPEROU E SE TORNOU ELE PRÓPRIO UMA REFERÊNCIA DE DIVERSIDADE

PONTO DE GERAÇÕES

JÉSSICA DE ALMEIDA

Dois anos depois de máquinas de demolição reduzirem a destroços o Grande Hotel de BH, o Edifício Arcângelo Maletta era entregue à cidade. “Num trabalho ininterrupto dia e noite, centenas de operários formigam no interior do conjunto Arcângelo Maletta para entregar a Belo Horizonte, dentro do prazo previsto, essa verdadeira ‘cidade de conforto’. ‘Magnífico na sua localização, esquina de Bahia com Augusto de Lima, o Conjunto Arcângelo Maletta será um dos mais modernos conjuntos arquitetônicos da cidade, dotado dos mais avançados recursos técnicos em construção: terá duas escadas rolantes, gerador próprio de luz e força, elevadores eletrônicos”, noticiava o *Estado de Minas* em 1961.

Os dois andares da primeira grande hospedagem da capital mineira se tornaram um grande quadrado de concreto arquitetado por Oswaldo Santa Cruz Nery e colocado de pé no número 1.148 da Rua da Bahia. Frequentado por artistas, jornalistas e intelectuais da velha-guarda e um dos antigos refúgios durante a ditadura militar, o Maletta atualmente congrega passado e futuro: a tradicional Cantina do Lucas, em funcionamento desde 1962, está logo abaixo do A Gata Preta, misto de estúdio de tatuagem e bar, aberto em 2016 e simpático às ideias anarquistas.

A vocação para ser ponto de encontro, uma esquina de referência para os moradores da capital foi reforçada pela diversidade, fator essencial para que o prédio reconquistasse o público. Flavio Carsalade, arquiteto urbanista e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), conta que “especialmente nos anos 1990, o edifício ressentiu à vitalidade da época de surgimento, quando foi muito frequentado. Assistimos agora a uma revitalização, com novos bares e novas propostas de uso dos espaços”. Carsalade morou no prédio ao lado direito do Maletta durante a infância. “(O edifício) nunca perdeu a representatividade, mas atualmente passa por um momento de redescoberta”, enfatiza.

Se toda a população (1.212 habitantes) do município mineiro de Cedro do Abaeté, no Oeste do estado, precisasse se acomodar em um só lugar, as instalações do Arcângelo Maletta seriam suficientes. Residem ali cerca de 1,3 mil moradores, entre as tradicionais famílias e estudantes vivendo em repúblicas. A estudante de letras Brígida Rodrigues, de 23 anos, mora no Maletta há cinco. “Amo o conjunto por ser um lugar histórico. Fernando Sabino lançou *O grande mentecapto* aqui”. E lembra, em tempo: “Cerveja gelada? É só pegar o elevador”.

A história profissional e amorosa de César Araújo, de 59, cruza com a história do Maletta. Alfaiate, começou a trabalhar aos 13 em uma antiga e tradicional loja de roupas na Rua da Bahia, há poucos metros do icônico edifício. Manteve o ofício por décadas e, enquanto isso, frequentava o Maletta assiduamente na companhia de colegas de trabalho. “O prédio é um hobby”, brinca. Depois, já familiarizado com o ramo de corte, costura e tecidos, montou o próprio negócio no nono andar do edifício, que já conhecia bem. “Os anos trabalhando por aqui formaram minha fiel clientela nessa região”, explica. No meio do caminho, e da loja em que trabalhou, conheceu Cida Prata, com quem está casado há 38 anos. “Aos sábados, depois do expediente, tomávamos cervejas juntos no Maletta”, relembra Araújo.

De 1961 para cá, o Conjunto Arcângelo Maletta acompanhou e foi testemunha das transformações do espaço urbano (e dos moradores) de BH. “Quando você substitui um prédio importante, dificilmente é possível dar para ao prédio novo o mesmo glamour daquele que deixou de existir ali. Isso não aconteceu com o Maletta”, destaca o arquiteto e urbanista Flavio Carsalade. A justificativa: o Maletta não é só um prédio, mas “uma cidade dentro de Belo Horizonte”, como informava, nos anos 1950, o folheto de lançamento do edifício.



Pelo Maletta circulam diariamente 5 mil pessoas. O conjunto tem 19 andares comerciais e 31 residenciais, sendo 319 apartamentos, 642 salas, 72 lojas e 74 sobrelojas



José Francisco Filho, o Pelé do vôlei, lembra a recepção calorosa que ele e os colegas de time receberam da torcida nas conquistas do Brasileiro de 1984, 85 e 86

PONTO DE CAMPEÕES

DANIEL SEABRA

Rua Professor Antônio Aleixo com Rua da Bahia, Bairro de Lourdes. Por essa esquina passaram centenas de campeões. É exatamente ali onde está localizada a Unidade I do Minas Tênis Clube, um dos mais importantes e tradicionais do Brasil. Fundado em 15 de novembro de 1935, o Minas, ao longo destes 82 anos, se tornou uma cidade. Com 80.844 sócios em suas quatro unidades, o local é uma ‘fábrica’ de atletas vencedores em várias modalidades olímpicas, como vôlei, basquete, natação, tênis e judô.

Um deles foi José Francisco Filho, o Pelé do vôlei. Eleito sete vezes consecutivas como o melhor atacante do Brasil, o jogador integrou o time tricampeão brasileiro do Minas (1984/85/86). “Esta é uma das esquinas mais importantes de Belo Horizonte. E faz

parte da minha vida, principalmente como atleta. Foi onde nós chegamos depois de conquistar o tricampeonato brasileiro”, relembra.

As três conquistas nacionais, alguns dos principais títulos do clube, foram conquistadas contra o mesmo adversário na final, o Bradesco/Atlântica, que era uma das grandes potências do vôlei nacional. “Quando a gente chegava no Minas, já estavam aqui de duas mil a três mil pessoas nos esperando. Era muito emocionante”, afirma.

Outro que viveu grandes momentos na esquina foi Rommel Milagres, atual preparador físico da Seleção Brasileira feminina de base de vôlei. “O Minas foi praticamente tudo na minha vida! Antes de terminar a faculdade de educação física, já era estagiário na musculação, que começou em 1977. Em Belo Horizonte, foi o primeiro clube a ter o gladiador

(aparelho de ginástica dividido em estações), onde equipes como o Cruzeiro faziam atividades musculares, e atletas de renome, como Reinaldo (do Atlético) faziam sua recuperação”, diz Rommel, que trabalhou por 36 anos no clube.

Rommel também fazia parte da delegação do Minas no tricampeonato brasileiro de vôlei. “Foi uma emoção única, quando fomos tricampeões! E no título do Campeonato Brasileiro de 2002, com o feminino, também chegamos por ali! Foi sensacional”, lembra. Pelé também lembra que a esquina das ruas Antônio Aleixo e Bahia segue como uma das principais da capital mineira. “Ela continua muito importante para todas as modalidades do Minas. Aqui, todos, quando chegam, fazem a festa com a torcida”, frisou o ex-jogador, que hoje ainda segue no clube como conselheiro.